

# É SÓ UM INSTANTE...

## Sobre coisas impossíveis

Homenagem ao Prof. Doutor Eduardo Abranches de Soveral

Antes de mais, a todos saúdo e agradeço a sua presença, nesta tarde de Maio, em tempos de fim de século. Não sei se me “*saúdo a mim mesmo*”, pois interrogo-me sobre a utilidade da minha intervenção, que está condenada a, em cinco minutos, apresentar uma Pessoa, uma Obra, uma Vida.

Nenhuma vida cabe em 5 minutos, a não ser a daqueles, ou daquelas, que me são completamente indiferentes, “*tanto faz*”, a gente diz sempre qualquer coisa simpática, o ritual cumpre-se, todos “*julgam*” que ficam satisfeitos.

Mas gostaria de vos dizer que não é essa a minha situação!

Quem está aqui, a dois passos, não me é indiferente! Conheci-o, já lá vão mais de 30 anos, nas mais diferentes circunstâncias. Aliás, boas e menos boas...

Das pessoas que “*passam por nós*”, como páginas de jornal que se esquecem, é fácil falar convictamente. Das “*outras, poucas* - não acredito que possam ser muitas, desconfio sempre dos que têm “*centenas de amigos*”, pois sei que trocam “*Amigos*” por “*Conhecidos*”, «*Como está? Passou bem? Bem, obrigado. E você?!*» - que nos marcam a Vida, é difícil apreciá-las com justiça.

E porquê?...

Porque meditamos sobre a “*sorte*” dum encontro que se deu por acaso e podia “*não se ter dado*”! O meu “*acaso*” com o Prof. Eduardo Soveral foi a Filosofia, na Faculdade de Letras do Porto.

Vim para Filosofia “*por acaso*”, casamento de conveniência que o Tempo transformou em Afecto, e mais Tempo ainda, na alegria duma maneira de estar que julgo ser “*o meu Destino*”...

É aqui que o Prof. Soveral entra.

Entra por uma grande porta dum “*Salão Nobre*” onde agora se encontra o “*Instituto Abel Salazar*”, nas aulas de “*Introdução à Filosofia*” e, com humor, paciência e optimismo, convince-me que “*nada sabemos*”, só ideias feitas, de cartolina e papelão, povoam aquilo que na altura julgava ser o meu “*cérebro*” e que hoje sei que poderia reduzir-se com vantagem epistemológica à noção de “*caixa craneana com mil e tal centímetros cúbicos de neurónios*” de

duvidosa proveniência, à espera de serem algo mais que um amontoado de lugares-comuns, convenientemente temperados pela desfaçatez dos fins da adolescência.

Ao fim do 1º mês, aprendi a ouvir! Abandonei a ilusão “*de que se sabe*”. Pressenti que há um prazer em pensar. Não adivinhava ainda que era preciso tanto Tempo, tanta paciência e tantos exemplos.

Tive professores na vida que foram “*exemplos*”. Esclareço. Bons e maus exemplos!

Hoje, com a distância dos anos, posso dizer que, de certa maneira, nutro por todos eles um “certo” Afecto. Alguns pareciam saídos do “*Amarcord*” de Fellini, outros, os “nem bons-nem-maus”, esqueci-os. Alguns, poucos, guardo-os com gratidão naquele local obscuro e pacífico a que, por convenção, chamamos “Alma”....

O Professor que vão ouvir, é um professor de Filosofia. Quer dizer, aos olhos de muita “opinião pública”, um Professor duma “*coisa que não serve para nada*”!

Como “*não serve para nada*” a Arte, uma certa bruma que algumas manhãs persiste sobre este rio que passa ali em baixo ou a chegada das magnólias em incícios de Fevereiro.

A sua presença, directa ou indirectamente, ajudou-me a encontrar o “meu caminho”, se caminho tenho!

Interessa-vos saber que, para isso, com ele aprendi Husserl ou Bergson, Ética, Estética, Lógica, que suspeito detestava ensinar, suspeição que não vejo motivo para alterar até hoje?!

Interessa-vos saber que dedicou a sua vida ao Ensino e à Escrita?

Interessa-vos saber que “tem Ideias” e não obriga os outros a terem as “Ideias dele”?!

Que é um espírito aberto, curioso, inovador?

Que creio ser, como eu, um tímido, e passou a Vida a enfrentar multidões de alunos, como se o não fosse?!

Que tem uma capacidade de trabalho e, felizmente, uma “saúde de ferro”, que me deixam no limiar do desânimo?!

Que se “jubilou” há menos de 1 ano, o que quer dizer, na linguagem da “*função pública*”, que tem 70 anos e que “*não é velho*”. Só quer dizer que tem 70 anos e que, nesta ordem de ideias, eu devo ter setecentos anos, como aqueles patriarcas bíblicos.

Pronto! Já fiz o meu “sermão”!

Confirma-se publicamente que “*os de Filosofia*” têm a arte de falar “*sem dizer nada*”?

*Culpa minha...*

Quem agora vai falar e a quem passo a “palavra”, sei que, uma vez mais, nos surpreenderá.

Porto, Maio de 1998

*Levi António Malho*